

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

CAROLINE DELFIM SILVA

**A PROSTITUIÇÃO NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E URUGUAI NA OBRA
CONTOS DA VIDA DIFÍCIL, DE ALDYR SCHLEE**

**Bagé
2022**

CAROLINE DELFIM SILVA

**A PROSTITUIÇÃO NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E URUGUAI NA OBRA
CONTOS DA VIDA DIFÍCIL, DE ALDYR SCHLEE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Maria Britto Corrêa

**Bagé
2022**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

S586p Silva, Caroline Delfim

A prostituição na fronteira entre Brasil e Uruguai na obra
Contos da Vida Difícil, de Aldyr Schlee / Caroline Delfim
Silva.

33 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA, 2022.

"Orientação: Lúcia Maria Britto Corrêa".

1. Prostituição. 2. Contexto. 3. Fronteira. 4. Mulheres. I.
Título.

CAROLINE DELFIM SILVA

**A PROSTITUIÇÃO NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E URUGUAI NA OBRA
CONTOS DA VIDA DIFÍCIL, DE ALDYR SCHLEE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras -Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa
CAROLINE DELFIM SILVA

**A PROSTITUIÇÃO NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E URUGUAI NA
OBRA *CONTOS DA VIDA DIFÍCIL*, DE ALDYR SCHLEE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 21 de março de 2022.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Lúcia Maria Britto Corrêa – Orientadora (UNIPAMPA)

Profa. Dra. Isaphi Marlene Jardim Alvarez (UNIPAMPA)

Prof. Dr. Wagner Coriolano de Abreu (UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **LUCIA MARIA BRITTO CORREA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/03/2022, às 11:58, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **WAGNER CORIOLANO DE ABREU, PROFESSOR MAGISTERIO SUPERIOR - SUBSTITUTO**, em 25/03/2022, às 13:04, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ISAPHI MARLENE JARDIM ALVAREZ, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 28/03/2022, às 11:31, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0765525** e o código CRC **6D6B1CE1**.

Referência: Processo nº 23100.005292/2022-68 SEI nº 0765525

Dedico este trabalho ao criador da camisa
canarinho e mestre das obras fronteiriças,
Aldyr Schlee.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Juliane Pacheco Delfim, que mãe solo, me educou e mostrou que a educação é o melhor caminho para o futuro do país

À Profa. Dra. Vera Medeiros que desde o meu primeiro e-mail enviado pedindo para que me orientasse demonstrou interesse em ser minha coorientadora, me auxiliando e contribuindo com ideias e reflexões, além de ser uma grande inspiração para mim.

À Profa. Dra. Lúcia Corrêa, minha orientadora, contribuiu para que a pesquisa fosse possível, agradeço por aceitar o convite e me tranquilizar nos momentos de maior insegurança. “Fique tranquila e feliz”, são as palavras que se tornaram meu mantra. Uma professora que guardo no coração e possuo uma grande inspiração.

Agradeço aos laços de amizade construído na cidade de Jaguarão, Isabele Lange, Nathani Martins, Thaciany Martins e Lucas Martins que fizeram e fazem parte da minha vida. As noites em claro valeram a pena, amigos.

Em especial, as minhas estrelas, Júlio Delfim e Terezinha Tissot que estiveram comigo no processo educacional na universidade, mas que hoje continuam acompanhando lá de cima.

À minha família, minhas tias, minha avó, minha irmã que sempre apoiaram minhas escolhas e decisões sobre minha profissão. Ao meu afilhado, Miguel, fortaleza e benção na minha vida.

Agradeço ao nosso encontro dentro da minha instituição de ensino (UNIPAMPA), Aldyr Schlee, obrigada, mestre, por escrever arte literária que aponta que a literatura regionalista não é só sobre gaúcho e pilcha, mas o dia a dia da nossa cultura e jeito de ser.

“Quando os ventos de mudança sopram, umas
pessoas levantam barreiras, outras constroem
moinhos de vento.”

Érico Verissimo

RESUMO

Neste trabalho, será analisado o livro *Contos da Vida Difícil* (2014), de Aldyr Garcia Schlee. Tendo como objetivo apontar algumas singularidades do contexto de fronteira entre Jaguarão-BR e Rio Branco-UY. O tema central da obra e desta pesquisa gira em torno da prostituição. Dessa maneira, o intuito é apontar algumas reflexões sobre a maneira em que as mulheres são retratadas pelo narrador no contexto deste ambiente. Para apoiar esta pesquisa será somada como principal fonte de fortuna crítica o documentário *Linha Imaginária* (2014) de Rafael Andrezza e Cintia Langie.

Palavras-Chave: Prostituição; Contexto; Fronteira; Mulheres.

RESUMEN

En este trabajo se analizará el libro *Contos da Vida Difícil* (2014), de Aldyr Garcia Schlee. Con el objetivo de señalar algunas singularidades del contexto fronterizo entre Jaguarão-BR y Rio Branco-UY. El tema central del trabajo y de esta investigación gira en torno a la prostitución. De esta manera, la intención es señalar algunas reflexiones sobre la forma en que la mujer es retratada por el narrador en el contexto de este ambiente. Para apoyar esta investigación, se sumará como principal fuente de fortuna crítica el documental *Linha Imaginária* (2014) de Rafael Andraza y Cintia Langie.

Palabras Clave: Prostitución; Contexto; Frontera; Mujeres.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONTEXTO DE FRONTEIRA.....	12
1.1 Os contos no espaço de fronteira.....	16
1.1.1 Arquitetura	16
1.1.2 A ponte.....	18
1.1.3 Bilinguismo e tradições	19
1.1.4 Contrabando / Tráfico de mulheres.....	20
2 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER.....	23
2.1 O pecado, a escolha e o golpe.....	25
2.2 R.S e Viva eu, viva ela... ..	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS	32

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como intuito apresentar algumas reflexões sobre a prostituição no contexto de fronteira entre Jaguarão-BR e Rio Branco-UY na obra **Contos da Vida Difícil**, de Aldyr Garcia Schlee, publicada em 2014. Constituído por catorze contos, o livro apresenta uma continuidade de um conto para o outro, dando ares de complemento e sentidos. Além disso, percebe-se que todas as narrativas perpassam pelo mesmo espaço geográfico e período. **Contos da Vida Difícil** apresenta características do universo prostibulário em meados do século XX, tempo este que demarca a construção da Ponte Internacional de Mauá, na obra. Schlee apresenta narrativas contundentes do cotidiano da região e de habitantes de vida simples. De antemão o título do livro já sugere ao leitor que a obra retrata as difíceis vidas de personagens.

O objetivo desta pesquisa é problematizar as condições de mulheres moradoras e emigrantes da Europa para o serviço da prostituição no ambiente de fronteira, o acesso fácil ao país vizinho, cenário de passagem para as grandes cidades do país. Além disso, como a sociedade julga previamente algumas ações de personagens retratadas pelo narrador.

Esta pesquisa parte de duas justificativas: O encontro com o escritor Aldyr Garcia Schlee e a paixão pela arte literária regionalista. Além disso, durante a pesquisa do trabalho foi evidente a falta de fortuna crítica para o desenvolvimento. Dessa forma, o fomento pelo tema sobre a prostituição neste âmbito fronteiriço intensificou-se. Aldyr Schlee retrata um conjunto de contos esplêndidos, provoca a nós mesmos como sujeitos e como coletivo pertencentes à sociedade

Para dar continuidade à pesquisa, primeiramente, foi contextualizado, brevemente, os principais tópicos sobre a obra e o desenvolvimento da pesquisa. No primeiro capítulo, será dedicado a abordar reflexões sobre a contextualização da fronteira, aspectos singulares da demarcada região em estudo, Brasil e Uruguai. Algumas características próprias deste ambiente pertinentes como: A concepção material, o portunhol e tradições. Além disso, compreender o espaço geográfico é fundamental para a continuidade da pesquisa, pois é neste ambiente em que os contos são desenvolvidos e as histórias das nossas personagens são contadas.

Para o segundo capítulo, direcionarei o estudo para a representatividade das personagens imigrantes e moradoras locais. Neste eixo, elenquei alguns contos que serão estudados de maneira minuciosa: *Dona Rachel*; *Dia 29 de fevereiro*; *R.S.* Após o primeiro capítulo, cabe aqui, compreender de que maneira a mulher, prostituta, está neste espaço e

como é representada pelo narrador. Além disso, algumas características que se distinguem umas das outras.

1 CONTEXTO DE FRONTEIRA

O livro **Contos da vida difícil** apresenta, como espaço geográfico, a fronteira entre Brasil e Uruguai, onde se localiza uma ponte internacional e uma via férrea que liga a cidade de Jaguarão-BR à de Rio Branco-UY. A cidade brasileira está situada no estado do Rio Grande do Sul, e é nela que as narrativas geralmente são desenvolvidas. Segundo os dados de 2020, do *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas* (IBGE), Jaguarão tem 2.051,845 km² de espaço territorial; no ano de 2021, sua população estava estimada em 27.931 pessoas. O município fica a 389 km de distância da capital, Porto Alegre.

Já Rio Branco pertence ao departamento de Cerro Largo, no Uruguai, segundo os dados de 2019, a cidade possuía 16.270 habitantes e fica a 414 km da capital Montevideú.

A Ponte Internacional Barão de Mauá está presente nos contos de Schlee. Ela representa uma ativa personagem, já que é o lugar do fluxo de chegada e partida de personagens presentes na narrativa. A construção foi inaugurada no ano de 1930. No meio da ponte, passava a linha férrea, inaugurada em 1932, pela qual a grande maioria de mulheres e homens vindos da Europa e da América desembarcavam nas cidades fronteiriças no intuito de descansar ou arrecadar dinheiro, antes de seguir viagem para as grandes capitais. De modo simbólico, pode-se considerar que, sob a ponte internacional, as águas se mesclam, assim como se mesclam a população local e os visitantes da região.

A ponte facilita a entrada ao país vizinho, as entradas e saídas de imigrantes/emigrantes e o contrabando. Ela também é fundamental para o agrupamento das populações que compartilham muitas características culturais. A construção da ponte, na década de 1930, sedimenta ainda mais a união das duas cidades fronteiriças e de seus habitantes.

Como embasamento teórico para o estudo do conceito do contexto fronteiriço, utilizei como principal fonte de estudo o documentário *Linha Imaginária*, lançado no ano de 2014 e dirigido por Cíntia Langie e Rafael Andrezza. O filme retrata as singularidades da fronteira entre Brasil e Uruguai a partir de depoimentos de habitantes e artistas desta região, bem como das imagens que revelam aspectos geográficos, humanos e culturais. Entendemos a cultura, neste trabalho, como tradições, jeitos e falas compartilhados em um determinado espaço pelo povo que vive aí.

A ideia de linha imaginária retrata a fronteira entre dois delimitados espaços, o Brasil e o Uruguai, onde a distinção cultural das duas localidades já não é possível de enxergar. Essa linha não representa apenas o traço estabelecido geograficamente separando dois territórios,

mas ela demarca a união que é instituída identidade cultural própria destes habitantes. Para desenvolver esta reflexão, transcrevo um dos depoimentos do escritor uruguaio, Fabián Severo, no documentário:

Bom, o que é a fronteira? É o lugar onde as águas se mesclam... a água do mar com a água doce e cria esta zona onde crescem... um estuário, onde crescem coisas que não crescem nem na água salgada nem na água doce. Estamos citando a Carmen Galusso que um dia falou da fronteira como um estuário e aqui está a coisa misturada onde brotam e crescem espécies que não crescem nos outros lados... nós somos estas espécies. (ANDREAZZA; LANGIE, 2014)

É importante, no trecho acima, observar a forma de descrever alguns conceitos geográficos, tais como, a linha e o estuário. De fato, trata-se de um espaço que possui a demarcação e o encontro de elementos e/ou sujeitos distintos, no entanto, a partir do momento em que há o encontro com o desconhecido, neste caso do rio com o mar, surge o novo com sua peculiaridade extraordinária.

Ressalto que a transcrição acima apresenta uma artimanha de metáforas para explicar o espaço territorial de fronteira. Neste caso, a união da água doce e da água salgada retratam os dois povos de países diferentes que, a partir do embate, chegam ao pertencimento de ser único, a uma nova e única identidade, uma mistura.

Consideremos outra forma de representar o processo de interculturalidade que se dá no espaço fronteiriço retratado na obra de Schlee. No cultivo de um pomar, por exemplo, existem diversas raízes, mas, em algumas situações, o espaço destinado para cada fruto é ultrapassado, e isso produz o encontro de um fruto com outro. Os habitantes da fronteira entre Brasil e Uruguai já possuem suas raízes, neste caso, misturadas, o que os torna sujeitos singulares, neles não é possível ver a linha imaginária, pois ela está nas vivências e convivências de indivíduos fronteiriços.

A linha é invisível pois como diz Severo, “ela está na imaginação e não na realidade.” (ANDREAZZA; LANGIE, 2014), e acrescento, não é possível enxergar, pois ela ultrapassa os limites impostos da demarcação do que se entende final de Brasil e começo do Uruguai e vice-versa.

Algumas das singularidades presentes neste ambiente fronteiriço se tornam mais perceptíveis, como o bilinguismo. Na região desta linha imaginária, há a mistura entre os idiomas português e espanhol. A utilização de palavras de ambas as línguas na mesma oração, nesta região, é comum. Ressalto que o portunhol, termo utilizado para se referir à língua híbrida utilizada na fronteira do Brasil com o Uruguai, não é considerado um idioma oficial, mas faz parte do dia a dia dessas populações.

Sobre esse assunto, é de suma importância a consideração que Chito de Mello apresenta no documentário: “Eu escrevo o dialeto como a gente pronuncia. Como se pronuncia e não como se escreve, é como o som que sai da voz. Então, nem o brasileiro nem o montevideano vão entender...” (ANDREAZZA; LANGIE, 2014). É evidente que Mello está retratando o brasileiro como o país de forma geral, assim como o uruguaio. Dessa forma, o poeta escreve da maneira como ele fala, morando em um espaço fronteiriço; o dialeto misto de ambos os idiomas é consideravelmente aparente. Fora da faixa de fronteira, o dialeto fronteiriço desaparece. Da mesma maneira, quando um visitante chega na fronteira e se depara com o portunhol, há um choque de culturas.

Existe uma unificação de traços culturais de ambos os países neste ambiente, ou seja, uma mistura de cultura do Brasil e do Uruguai, isto torna-os singulares. Há também um pertencimento, um sentimento de irmandade entre estes habitantes, sejam uruguaios ou brasileiros, que repartem um mesmo espaço com suas características próprias.

A atividade econômica neste espaço de fronteira é o comércio, porém esta prática já estava em andamento antes mesmo do Mercosul entrar em atividade na América Latina. Entre os objetivos do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), criado em 1991, está a integração regional de alguns países da América Latina, e a consolidação de meios para gerar oportunidades comerciais no âmbito internacional comercial. Chito de Mello, compositor e habitante deste contexto, nos sugere: “A mistura aqui na fronteira foi muito antes do Mercosul.” (ANDREAZZA; LANGIE, 2014). No entanto, como foi citado por Mello, na região de fronteira, essa integração já havia sido instaurada, a economia das cidades situadas ao longo da fronteira, historicamente, girava em torno do mercado internacional. Uma outra face da economia fronteiriça é a do contrabando. O mercado clandestino trata-se de uma particularidade do ambiente estudado, no qual a importação e exportação de mercadorias são práticas comuns.

Ernesto Diaz, poeta e morador da região fronteiriça, pontua de que maneira é vivido o contrabando: ““O contrabando?” Eu na minha vida intrauterina já fui feito com matéria sintetizada contrabandeada, que minha mãe ingeria. E não gosto de falar de mim, sou contrabando, somos assim.” (ANDREAZZA; LANGIE, 2014). O poeta apresenta a singularidade sua e de sua mãe, da utilização de algum produto ilícito transportado de forma ilegal e consumido. Percebe-se que Diaz retrata uma fala importante sobre a delimitada linha de cultura. O acesso fácil dos materiais, objetos, ou, o consumo de produto ilícito é presente neste território. Cabe salientar que o contrabando é uma das fontes mais potentes do capital na região fronteiriça, dessa forma os habitantes não enxergam como forma ilegal.

O tráfico de objetos é uma grande peculiaridade deste ambiente por causa da facilidade de importação e exportação. Mello relata: “Contrabando é a indústria da fronteira, tudo é contrabando. Tem um cara aqui que foi cura, que foi padre, um dia veio me falar do contrabando e disse: ‘até os sinos da minha igreja eu comprei de contrabando’”. (ANDREAZZA; LANGIE, 2014) No depoimento de Mello, nota-se a importância do comércio local. Considero ainda que a prática de vendas nas ruas é comum, como demonstrado no documentário. Por tais razões, percebo que existe certa facilidade de estar nesta região, no sentido de que há muitos refugiados, imigrantes que buscam como nova morada nosso espaço da linha imaginária, pois é um lugar fácil de estar. Nesta fronteira existem conflitos de interesses, acesso ao armamento, criminalidade e poderes econômicos; este mesmo espaço possui a arte de ser único. A professora Mirta Arizaga, entrevistada no documentário, relata:

A nossa identidade é essa mescla e esse entrelaçar de culturas [...] E quando nós viajamos a outros lugares do Uruguai nós sabemos que é nosso país e amamos o nosso país, mas a gente vê as diferenças deste lugar quanto nos une a esta fronteira. Nós nos sentimos próprios daqui, somos únicos. (ANDREAZZA; LANGIE, 2014)

Arizaga apresenta uma importante ressalva, no sentido de que se afastar da fronteira e ir para outras partes do próprio país significa sair de sua bolha cultural. Nas outras áreas do país, as problemáticas são diferentes, e, conseqüentemente, seus aspectos culturais. Além disso, o documentário menciona a questão das leis e do complexo uso de normas. Em geral, as normas que regulam a vida no Brasil ou no Uruguai foram pensadas muito longe das cidades fronteiriças, com suas peculiaridades, o que torna difícil aplicar o sistema legal vigente nacionalmente e, ao mesmo tempo, respeitar as dinâmicas próprias das áreas de fronteira.

Até aqui foi apresentado o contexto em que as narrativas de **Contos da vida difícil**, de Aldyr Schlee, são desenvolvidas. Esse breve panorama foi construído a partir de depoimentos e reflexões dos próprios habitantes deste lugar. Ressalto que, segundo o Dicionário Online de Português, fronteira significa demarcar geograficamente o limite de um espaço e outro, termo que nos remete a um distanciamento, no entanto nesta pesquisa foi apresentado um contexto de fronteira em que possui a união de dois povos habitantes de países distintos. Neste caso há um agrupamento de sujeitos, identidade cultural própria, entrelaçado com o país ou cidade vizinha.

Dessa forma, a linha é imaginária, invisível, não corresponde a um marco concreto de separação entre dois países, como um muro, por exemplo. A linha imaginária sugere a

conexão com o outro povo, a outra cultura e, como Aldyr Schlee, sugere: “Nós somos *nosotros*, nós somos nós mesmos nos outros.” (ANDREAZZA; LANGIE, 2014).

O pronome empregado na citação de Schlee já foi apresentado acima, no aspecto sobre o bilinguismo. Neste caso, vai além de perceber o emprego do idioma espanhol. A partir desta citação, podemos concluir que ocorre um processo de mescla, não apagando os conflitos decorrentes das diferentes culturas envolvidas na formação desta terceira cultura. Os fronteiriços são eles mesmos nos outros, a imagem de um uruguaio fronteiriço se reflete na imagem do brasileiro. *Nosotros* sugere, na língua portuguesa, o termo “nos outros”, e assim é a cultura da linha imaginária, as raízes constituídas por eles estão nos outros, e só quem vive ou vivenciou compreende a tamanha perplexidade e naturalidade deste ambiente.

1.1 Os contos no espaço de fronteira

Após a contextualização sobre o espaço privilegiado na obra literária que está sendo pesquisada, passaremos a apontar os traços fronteiriços identificados nos contos. É possível perceber que a obra em estudo revela algumas características deste contexto de fronteira relacionado ao documentário. Em **Contos da vida difícil**, algumas narrativas representam elementos encontrados na paisagem física e cultural de Jaguarão e Rio Branco, como a arquitetura, o rio, a ponte, o bilinguismo, as tradições e a importação de mercadorias. Sendo assim, os textos apontam uma identidade cultural, a vida comum de habitantes e imigrantes encontrados nesta região.

Ressalto que os contos se valem da ideia da verossimilhança na representação de espaços, seres e situações, ou seja, as narrativas não passam da ficção inventada pelo autor com base em fatos da realidade observada, em características da realidade vivida ou testemunhada, tornando a leitura uma viagem enigmática.

Para estudar a representação do contexto nas narrativas, elenquei os seguintes contos, que provam as singularidades culturais da fronteira: *Carnet de Divertissement*; *Uma mulher de passada*; *O que passou com Juan Carlos*; *Adoración*; *29 de fevereiro*; *La Virgencita*. Nestas narrativas existem pelo menos uma dessas particularidades citadas.

1.1.1 Arquitetura

A arquitetura é um elemento que, na sua grande maioria, é distinto de um espaço para outro. Na fronteira Brasil e Uruguai, ela é representada de maneira peculiar. A cidade

fronteiriça, Jaguarão, é lembrada por seus grandes salões históricos. O conto *Carnet de divertissement* apresenta algumas concepções de construções materiais semelhantes que são visualizadas no documentário *Linha Imaginária*, por exemplo: “Era, na verdade, o velho palacete que é agora; [...] ainda com suas sacadas para a rua, ainda com a sua porta esculpida em relevo, ainda com sua rica platibanda, ainda com seu toque oriental [...]” (SCHLEE, 2014, p. 18). As platibandas, por exemplo, são típicas dos salões antigos, mas que permanecem no século XXI, na cidade brasileira, e que também fazem parte dos contos representados por Schlee.

No documentário, é possível visualizar o ambiente destes salões, as sacadas para a rua, as grandes platibandas e a sensação de antiguidade, que, na atualidade, são reconhecidas como patrimônio cultural. O conto *Carnet de Divertissement* mostra esse salão como lugar de divertimento e de luxo, ou também como espaço cultural. Além disso, abrange um traço de concepção material oriental representada na fronteira do Brasil com o Uruguai. A seguir o narrador apresenta novamente um exemplo da arquitetura típica desta região atravessada pela linha imaginária:

[...] a parte de trás do cabaré do Tomazinho era ligada a um pátio alugado e separado dos fundos de um casarão da rua do Comércio que dava para o quintal de uma comprida casa da antiga rua das Trincheiras, ocupada na frente por um dentista uruguaio[...]. (SCHLEE, 2014, p.19).

O narrador descreve detalhes dos casarões da época e seus pátios, bem como traz informações sobre as ruas da cidade. A citação acima menciona a rua do Comércio, lugar onde os habitantes compram e vendem produtos dos dois lados da fronteira. Hoje, na segunda década do século XXI, é nesta rua que estão presentes os famosos *free shops* de Rio Branco.

Outra característica ligada à arquitetura é a presença de casas que servem como comércio e morada. De fato, o que é narrado por Schlee nos coloca diante da típica paisagem urbana da fronteira de Jaguarão e Rio Branco e mostra a relação entre a ficção e realidade. O escritor trabalha para retratar a arquitetura característica do lugar transpassada por sua imaginação.

No conto *Uma mulher de passada*, o narrador apresenta um dos grandes salões de Jaguarão-BR: “assistir aos desfiles dos cordões e ao Corso desde uma das dozes sacadas do Clube Jaguareense (e me disseram sempre que fiquei atrás dela, juntando e derramando confete no piso dos salões de festas, olhando as vezes para a rua entre as grades onduladas da sacada) [...]”. (SCHLEE, 2014, p. 28). Neste momento, o narrador relata as famosas festas de carnaval da cidade. O clube em pauta é atualmente parte do patrimônio histórico de Jaguarão,

e sua arquitetura e seu estilo são exemplos das construções típicas daquela parte da fronteira e do público que recebia, formado pelas pessoas tituladas da sociedade.

Dessa forma, destacamos que Schlee se vale de referências à arquitetura para situar sua obra na fronteira Jaguarão/Brasil – Rio Branco/Uruguay.

1.1.2 A ponte

Assim como a arquitetura das casas, a ponte Barão de Mauá assegura realismo aos **Contos da vida difícil**, e transporta para lá, pela imaginação, mesmo os leitores que nunca a conheceram na vida real. A ponte está presente em todos os contos, seja no período de sua construção, seja após sua edificação. O leitor conhece os conflitos, as facilidades, o tráfico de mulheres e de mercadorias permitidos pela edificação. A sua construção foi motivo da vinda de imigrantes e oportunizou trabalho aos diversos homens vindos de todos os lugares. Conseqüentemente, a ponte também favoreceu a vinda de mulheres para satisfazer as necessidades destes trabalhadores, algumas destas, inclusive, eram traficadas por organizações internacionais.

O narrador relata que durante a obra houve sujeiras e aglomeração de pessoas neste ambiente de fronteira. Por outro lado, a ponte pode ser percebida como uma personagem que motiva o desenrolar dos contos e até a união de pessoas vindas dos dois países e mesmo de outras localidades. A partir dela há o choque com uma outra cultura, bem como a particularidade de uma nova cultura, a mescla entre habitantes desta região. “Foi um tempo em que havia muita gente em Jaguarão, muito movimento, muita poeira, muita sujeira, e muito ir e vir, por causa da construção da Ponte que haveria de unir, sobre o rio, Brasil e Uruguai.” (SCHLEE, 2014, p. 28).

De fato, as cidades fronteiriças, em algumas ocasiões, são abandonadas pelas autoridades, por se tratarem de cidades do interior do país, não precisam ser cuidadas. No conto *Uma mulher da passada*, é evidente o despreparo para a construção da ponte. Por outro lado, na mesma narrativa, a facilidade de cruzar a fronteira para o país vizinho é o foco do objetivo da sua edificação.

A personagem central deste tópico, a ponte, é narrada na ficção, mas pertence à realidade e conecta os países Brasil e Uruguai desde 1930, cruzando por cima do rio Jaguarão, cujas águas se espalham por mais de 200 quilômetros de extensão. No prefácio do conjunto de contos, Schlee sugere:

Jaguarão, que só em 1904 tivera enfim seu porto fluvial aberto à navegação com o Uruguai, viu construir-se entre 1920 e 1930 a grande Ponte Internacional que a ligaria definitivamente ao país vizinho. Nesse período, centenas e centenas de homens — um milhar e pico de homens, [...] Foram dias, meses e anos em que naturalmente a cidade se encheu de mulheres, apareceram automóveis e gramofones, surgiram negócios, construíram-se casas e fortunas — era farra e trabalho, trabalho e farra. (SCHLEE, 2014, p. 6, 7).

A ponte carrega uma importante característica da região, pois a partir dela há a ligação entre os dois países com suas respectivas particularidades. Após a construção a conexão de mais de 210 metros, torna-se um espaço de fácil acesso, fáceis chegadas e partidas. Nesse sentido, o contrabando e o tráfico de mulheres se tornam problemáticas que precisam ser repensadas pelos órgãos do seu respectivo país, principalmente no começo do século XX.

Por tudo que ela representa e apresenta, a ponte é um dos elementos fundamentais para o desenrolar das narrativas, é através dela que todos os contos são contados, quando o leitor se depara com a narração de sua construção, e o que ela provoca, sente-se pertencente a este lugar, pois ela é retratada de maneira clara, visível, é como se já tivesse cruzado a ponte sem ao menos conhecê-la, como sentir os pés sobre ela, o vento bater nos cabelos por causa do rio que corre abaixo. A água e a ponte concretizam a união e mescla desta terceira cultura dos habitantes.

1.1.3 Bilinguismo e tradições

Entre as singularidades que marcam o contexto de fronteira presente em **Contos da vida difícil**, está a língua que mistura os dois idiomas e muitas vezes utiliza, na mesma frase, o português e espanhol. No conto *La virgencita*, por exemplo, há o emprego de termos em espanhol na frase em português no diálogo entre duas personagens: “Até lhe pago, se for preciso, mas quero *quedar-me* por aqui”, disse. [...] *Gracias*, disse a viúva.” (SCHLEE, 2014, p. 79). No conto *A gorda Violeta* a mescla de idiomas também é presente: “Não te *olvides* do amor!” (SCHLEE, 2014, p. 147). Nas obras de Aldyr a metodologia da escrita com o uso dos dois idiomas é uma característica evidente, além disso, ela representa o contexto da fronteira de Jaguarão e Rio Branco.

Relembrando o documentário *Linha Imaginária* citado no começo do capítulo, o poeta Fabián Severo, entrevistado, cria seus poemas a partir da mistura havendo na tentativa assertiva de entrelaçar a escrita com o portunhol. Quem vive neste lugar, vivencia a arte da mesclagem do dialeto único. A partir desta pesquisa foi possível perceber que existem escritores além de Schlee na busca da representação do contexto fronteiriço através do

portunhol em suas obras como o poeta Severo que também utiliza dos idiomas para a sua criação de poemas: “Artiga e uma estación abandonada a isperansa detrás de um tren que no regressa uma ruta que se perde rumbo al sur.” (SEVERO, 2010).

Além da singularidade da mistura entre espanhol e português, existem as tradições e costumes tipicamente fronteiriços que são retratados nos contos de Schlee, nesta pesquisa destacamos o carnaval, festa popular bem presente em todo território brasileiro. Na fronteira entre Jaguarão e Rio Branco, a folia tem algumas particularidades, que podemos conhecer no conto *Uma Mulher de Passada*:

[...] nunca pude me lembrar, embora a tenha conhecido naquele Carnaval em que ela se sentava à beira da calçada com o marido enquanto eu recolhia confetes, cascudos e gafanhotos entre as cadeiras postas para que as famílias vissem o desfilar dos assustadores cordões carnavalescos e dos fonfonantes veículos enfeitados de papel-crepom, apinhados de gente barulhenta e mascarada que faziam o Corso entre gritos, palmas apitos e cantorias na vertiginosa passagem de retumbantes tambores e de esganiçados acordes de instrumentos musicais. (SCHLEE, 2014, p.24).

Por causa do seu carnaval, o município de Jaguarão/BR é reconhecido como “Salvador do Sul”, comparação estabelecida por conta do agrupamento de pessoas de diversas cidades do Brasil e do Uruguai. Ocorre uma multiplicação de habitantes neste período, alguns sujeitos utilizam da ponte para entrar no país vizinho e agregarem-se à população local nesta semana.

A cidade de Jaguarão/BR é representada, nos contos, como o espaço em que as festas ocorrem, no entanto, é a mescla de culturas que torna esse carnaval tão peculiar. *Uma mulher de passada* representa este ambiente cultural em que as famílias se unem, sentadas na calçada, para acompanhar o desfile dos carros ou para esperar as Corso.

Já os grandes salões de clubes situados na avenida preparavam suas festas infantis e áreas *vips* nas sacadas: “[...]assistir aos desfiles dos cordões e aos Corsos desde uma das doze sacadas do Clube Jaguarense [...]” (SCHLEE, 2014, p. 28).

Na atualidade, ainda é possível ir até a cidade de Jaguarão-BR e presenciar traços de toda a representação feita por Schlee. Das doze janelas do clube, lugar em que o narrador do conto faz seu relato, ainda é possível apreciar os famosos festejos do carnal de rua.

1.1.4 Contrabando / Tráfico de mulheres

No documentário *A linha imaginária*, são abordadas questões relativas ao contrabando de objetos neste território. Na narrativa ficcional de Schlee, a presença sobre o tema não é tão evidente e não é diretamente nosso foco de pesquisa, todavia faço uma comparação ao tráfico de mulheres. Apresento esta comparação porque tratando, neste caso, das personagens

imigrantes na maioria são tratadas como objetos para satisfazer os homens da região de fronteira, independente se são ricos ou pobres, importantes ou simples trabalhadores rurais. O contrabando é uma prática comum de importação e exportação de materiais, e por isso trata das semelhanças entre ambas as ilegalidades. O tráfico internacional de mulheres é organizado por proxenetas que visam lucrar em cima delas.

No conto *Dona Rachel*, a mulher representa uma imigrante vinda com seu esposo para residir na fronteira entre Brasil e Uruguai, logo no início da construção da ponte. Seu marido acaba falecendo muito cedo e, como ambos eram refugiados do seu país de origem, o narrador supõe que Rachel tenha solicitado auxílio a alguma sociedade de judeus, visto que as organizações internacionais de tráficos estavam nas diversas fronteiras e capitais regidas por cafetões, sem saber que, por trás dessas supostas entidades de ajuda, haveria uma grande organização internacional de exploração de mulheres. Ressalto a importância da síntese do conto, pois ela permite observar como o tema do tráfico é inserido na narrativa por Schlee. É, ainda, possível estabelecer algumas relações entre a ficção e o histórico, alguns fatos sobre a organização ficam notórios a partir da narração do conto de Rachel Liberman. Além disso, representa-se toda a clandestinidade e períodos vivenciados que marcam o abuso de “escravas brancas” como crime no Brasil. Esta prática já era considerada exploração no período do Brasil República e em 1890 há a primeira lei condenando o tráfico e suas organizações internacionais.

Ressalto que o corpo da mulher é digno e pertencente apenas a ela, o que lhe dá pleno direito de optar pela prostituição como profissão, no entanto, o papel de proxeneta é passível de prisão, como demonstra o trecho abaixo retirado do código penal:

Art. 278. Induzir mulheres, quer abusando de sua fraqueza ou miséria, quer constringendo-as por intimidações ou ameaças, a empregarem-se no tráfico da prostituição; prestar-lhes, por conta propria ou de outrem, sob sua ou alheia responsabilidade, assistência, habitação e auxilios para auferir, directa ou indirectamente, lucros desta especulação:

Penas - de prisão celular por um a dous annos e multa de 500\$ a 1:000\$000. (BRASIL, 1890)

O presente artigo retrata a lei que na obra ficcional de Aldyr é evidente a representação, como no conto *O que passou com Juan Carlos* em que é possível perceber estes fatos:

E esclarecer de antemão, que aqui no Brasil tanto o tráfico como a exploração de mulheres eram considerados crimes desde 1890; que desde 1907 os traficantes e exploradores de mulheres podiam ser expulsos do país. E que ambos os crimes tinham se tornado inafiançáveis a partir de 1921. (SCHLEE, 2014, p.36).

O mesmo decreto do código penal está presente no conto como forma de aproximação da realidade. Além disso, o contrabando trata da ilegalidade de mercadorias atravessando as fronteiras. Neste sentido, algumas personagens que dão nome aos títulos dos contos são refugiadas e passam pela fronteira entre Brasil e Uruguai em direção às grandes capitais do país. Por esta razão, remeto a imagem dessas mulheres como objetos do contrabando, pois, como os materiais que partem para as grandes cidades, as mulheres também parecem apenas servir para satisfazer os homens. Nos contos de Schlee, conhecemos essas organizações de traficantes, como elas atuavam na região e como suas ações eram acobertadas por poderosos:

Muitas dessas tantas mulheres—russas, polacas, francesas—, quase todas submetidas a uma poderosa organização de traficantes judeus, chamada Zwi Migdal, quando o seu procurado serviço passou a não ser mais admitido e não ser mais acobertado pela polícia de lá, foram desviadas para o Uruguai, onde seguiram no fiel atendimento de seu comércio clandestino ou de onde eram trazidas até aqui, de passagem, para seguirem adiante, levadas de barco e postas a atuar nos prostíbulos das capitais do Norte. (SCHLEE, 2013, p. 34)

Nesta citação de Schlee, algumas situações, como as retratadas acima, parecem ser típicas deste ambiente, fazendo pensar que este tipo de escravidão também pertence ao contexto de fronteira, já que as peculiaridades para ingressar e sair dos países favorecia o surgimento de um ambiente propício à comercialização de pessoas.

Até aqui, apresentamos questões relativas ao espaço focalizado na obra **Contos da vida difícil**, de Aldyr Schlee, que é a fronteira entre Brasil e Uruguai, mais especificamente entre as cidades de Rio Branco e Jaguarão. Algumas reflexões e particularidades abrem espaço para novos conceitos de fronteira, como por exemplo, a ideia de união que ela representa, contradizendo com as imagens de linha, separação e demarcação, que costumam ser associadas ao espaço que demarca o fim de um território e o início de outro. Com base no documentário *A linha imaginária*, optamos por considerar o espaço da fronteira como uma linha imaginária, que caracteriza a conexão entre os habitantes deste território, observada nas vivências partilhadas no dia a dia, tornando seus habitantes sujeitos pertencentes a uma terra só.

2 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER

Este segundo capítulo concentra-se em dar conta de apontar a representação das mulheres na fronteira Jaguarão e Rio Branco espelhada na realidade, e em como as nossas personagens, vindas da Europa ou moradoras da região em estudo, são representadas no universo prostibulário. Além disso, vamos demonstrar de que maneira a sociedade conceitua previamente estas mulheres. Ademais, pretendo propor algumas problemáticas elencadas da sociedade tal qual de décadas passadas e atuais, bem como a iniciação de crianças na prostituição.

A obra **Contos da vida difícil** é formada por catorze narrativas nas quais seis contos têm, em seu título, nome de mulheres. As narrativas são contadas por um narrador que observa ou se recorda e relata aquilo que dizem as próprias personagens ou o que outros contam sobre elas, bem como o que ele consegue lembrar. “É verdade que não me lembro dela, essa mulher que conheci num carnaval, pois ainda era muito pequeno; e o que sei é pelo que me contaram e contavam sempre [...]”. (SCHLEE, 2014, p. 23). Em *Uma mulher de passada*, fica evidente a função do narrador de não apresentar nenhuma posição, ele não transpõe nenhuma opinião própria além do que não seja sobre o que a população desta região se recorda e pode dizer.

Antes de iniciar o aprofundamento sobre o estudo de nossas personagens, convém salientar que o narrador aparenta ser também um morador da região fronteira, pois existem algumas passagens que marcam a presença da sua família no espaço onde acontece o desenrolar das histórias, como indica a seguinte passagem: “Adoración era a mulher mais linda que meu primo jamais vira” (SCHLEE, 2014, p. 105).

No conto *Viva eu, Viva Ela...* há a presença da mulher do seu tio, a louca Ignez, que faz parte do sistema de prostituição da região de fronteira, trabalhando em um cabaré local sem luxos. “Meu tio terá tido suas razões para pensar e retirar a faixa, se é que pensou nisso.” (SCHLEE, 2014, p. 71). Outro momento que comprova que este narrador é um fronteiro está no relato da transcrição que a avó do narrador faz da mulher do Major em *Uma mulher de passada*: “Minha avó nunca soube me dizer como era ela,- porque- isso sim, me disse, nunca havia olhado para sua cara. Se ela nunca me levantou os olhos, alguma vez, quando passava, eu não sei (dizia vovó).” (SCHLEE, 2014, p. 25).

O narrador adota diferentes estilos na narração de cada história e raramente se posiciona, todavia ele conhece cada lembrança vivida e/ou contada por outros cidadãos do lugar. Em síntese, para analisar as personagens femininas, recorreremos a um morador que

conta com propriedade as histórias das mulheres que entram, vivem ou perpassam pela linha de fronteira entre Rio Branco e Jaguarão. Ressalto que é fundamental o papel deste relator para compreender de que maneira as mulheres são representadas e apresentadas nos contos.

Para analisar a representação das personagens femininas, serão adotadas, como aportes teóricos: *Imaginários do Sul: pensamento crítico de fronteira e os avessos da Modernidade na ficção de Aldyr Garcia Schlee*, de Cátia Goulart; *O Dicionário Crítico do feminismo*, de Helena Hirata *et al*; *Nuances Da Representação Da Prostituição Feminina: O Êxtase Do Estereótipo Em "Contos Da Vida Difícil"*, de Aldyr Schlee, de Ana Carolina Schmidt Ferrão que somam para este estudo sobre a representação das personagens no âmbito ficcional da região de fronteira Brasil e Uruguai.

Antes da análise das personagens creio que seja de suma importância ressaltar que existem algumas narrativas que relatam o tema da prostituição, mas em sua grande maioria acabam romantizando seus finais com a transformação da personagem prostituta no encontro do amor verdadeiro. Dessa forma, as histórias são romantizadas e não retratadas como por exemplo a metodologia utilizada por Aldyr. Para que fique evidente Ferrão cita:

Esse viés de representação da prostituta, de cunho mais realista, foi escolhido por Aldyr Schlee, que opõe-se em alguns aspectos a outras aparições dessa figura na literatura, muitas vezes romantizada e salva pelo amor verdadeiro. Não é o caso de Rachel, Ignez e Angelina, que não se assemelham às meretrizes de Alencar, por exemplo, fazendo parte de uma representação da figura popular. (FERRÃO, 2017, p. 8).

A prostituição não é tratada como ato de perversidade, mal, pecado, mas como forma de trabalho feminino marginalizado socialmente e consumido geralmente pelo sexo oposto.

Ao se deparar com **Contos da vida difícil**, o leitor poderia pensar em encontrar narrativas sobre transformação das personagens, purificação e livramento do pecado que é a prostituição, ou mesmo de condenação. No entanto, a obra promove uma desconstrução do pensamento conceitual prévio de que, ao final da narrativa, a prostituta encontrará seu amor e conseqüentemente abandonará seu trabalho. Essa é a situação que encontramos em, por exemplo, *Viva eu, viva ela...*

[...] e foi se meter, perdido de amor (achado de amor, diria ele), foi se instalar definitivo num puteiro da beira da praia, iluminado a candleiro, onde podia estar com ela, onde podia vê-la, o dia inteiro quase toda a noite, com a disposição e a paciência de quem não queria nem poderia almejar coisa melhor do mundo. (SCHLEE, 2014. p, 66)

Refletindo sobre esta última citação e a anterior, de Ferrão, é possível compreender

que a estratégia de Schlee é justamente propor a revisão de valores e a construção de outros sentidos para o tema da prostituição e a condição da mulher no contexto fronteiro nas primeiras décadas do século XX.

2.1 O pecado, a escolha e o golpe

Os contos abordam distintas motivações para a prostituição feminina, de modo que sabemos que há pelo menos três mulheres que escolhem entrar nesse universo, enquanto outras mostram as personagens como vítimas de golpes de organizações internacionais de tráfico, influenciadas por alguns sujeitos por parte da família ou não.

Em relação aos tipos de mulheres que se prostituem, há muita variedade: imigrantes vindas da Europa, fronteiriças, meninas novas, velhas, gordas, magras, feias e bonitas. O que une todas e as torna personagens de uma mesma obra é o trabalho na prostituição, é a vida de cada personagem, de certo modo interligada com a ponte de Jaguarão, com os cafetões que estão na Europa conectando-se com proxenetas da região de fronteira, com o modo como a sociedade local faz seus julgamentos prévios ou finge não saber da existência delas.

As narrativas tratam das escolhas, decisões e golpes durante a primeira metade do século XX, e foram selecionados dois contos como principal foco de estudo neste tópico: *Dona Rachel* e *Dia 29 de fevereiro*.

Assim, lidando com personagens históricas, memórias e imaginação, o escritor encaminha uma profunda reflexão acerca das múltiplas relações entre o universo prostibulário intercontinental e o poder local, questões que implicam a ocultação da própria história em torno do tema. (GOULART, 2016, p. 187).

Neste sentido, Goulart (2016) pondera sobre a implicação que o tema da prostituição assume neste cenário de fronteira e sobre o silenciamento imposto ao assunto por parte da sociedade. Além disso, Goulart cita as relações que o espaço geográfico permite entre o tráfico internacional e as cidades de Rio Branco e Jaguarão, que facilita o comércio com personagens imigrantes.

Dona Rachel é uma refugiada judia que desembarca na fronteira com o marido que, passados alguns anos, acaba falecendo. A personagem de *Dia 29 de fevereiro* é uma menina, cuja mãe acaba falecendo e sua guarda é remetida para a tia. Sua parente promete a si mesma que cuidaria da sobrinha para que permanecesse virgem até a maioridade. Os dois contos se passam no mesmo período e espaço, que compreende o período de grande movimentação na zona em razão da construção da ponte, quando havia muitos prostíbulos à disposição dos

homens. Todo esse movimento assustava as mulheres de família, que se preocupavam com suas filhas, meninas da casa que deveriam preservar sua virgindade.

Foi uma época de muitos homens necessitados e de muita putaria em Jaguarão, para a preocupação das mães de família e até para as secretas fugidas dos pais de família, com mulheres para todos os gostos e gastos, desde prendadas polacas oferecidas a peso do ouro, até as chinas pobres da orla do rio, que se ofereciam por quase nada. (SCHLEE, 2014, p. 67).

É importante ressaltar as condições e diferenças entre ambos os contos. Em *Dona Rachel*, a protagonista é uma refugiada que será envolvida em rede de tráfico europeu, ultrapassando os limites de fronteiras de continentes. No conto de Maria José, a protagonista é da região local, abordando o universo prostibulário da região Rio Branco e Jaguarão. Considero importante abordar estas duas personagens com traços e maneiras distintas, e que simbolizam formas diferentes da prostituição na linha imaginária.

Em *Dia 29 de fevereiro*, a jovem Maria José, protagonista desta história, é criada por sua tia. Nesta narrativa, tratamos da escolha pelo prazer e como a prostituição é vista como um giro econômico. A jovem, desde pequena, sentia gosto por este trabalho e, segundo o narrador, ela nascera com este dom. “Maria José queria ser puta. Pensava só em ser puta. Nunca se animara a confessar aquilo para a tia; mas sabia que tinha que ser, que era seu destino.” (SCHLEE, 2014, p. 120). A cena em que se encontra este trecho trata da celebração religiosa praticada no dia de Nossa senhora dos Navegantes, quando sua tia faz um acordo de venda depois que Maria José completasse sua maioridade. Neste conto, a presença da prática e da tradição católica é visível. Partindo de um encontro no ambiente do catolicismo, que julgo de suma importância, e contraditória a relação da venda de Maria José com a crença, ou seja, a ação da venda no ambiente cujo espaço não seria apropriado, pois a religião aponta a prostituição como algo relativo ao erro. Nesse sentido, percebe-se o bem e o mal, a relação do pecado, do certo e errado.

De antemão, considero importante expor algumas reflexões sobre o cristianismo para justificar a ideia da prostituição feminina como pecado. A mulher é a causadora do trabalho de prostituição ao olhar do catolicismo.

Nota-se que a desvalorização das mulheres na Igreja se deve, em grande parte, à interpretação de textos bíblicos por homens influenciados pelo pensamento filosófico anterior à Era Cristã. Estes varões desenvolveram uma moral sexual no cristianismo, acentuada na desigualdade entre homens e mulheres. Moral sexual que deprecia as mulheres e atribui a elas até mesmo a culpa pelo pecado do mundo. (DA CUNHA, 2014, p. 93).

As prostitutas não são consideradas um giro de capital, coisificadas pelo gênero masculino, mas uma tentação a eles, sedutoras de todos os tipos de homem, ao contrário de teorias feministas que abordam a prostituição como um sistema de objeto utilizado pelo gênero oposto. “A análise feminista considera a prostituição a situação mais extrema da relação de poder entre as categorias de sexo. Transformadas em objetos e então sujeitas à violência, as mulheres são coisificadas em prol da sexualidade irresponsável dos homens.” (Unesco/FAI, Colóquio de Madri, 1986). O catolicismo é uma prática religiosa que, por algumas circunstâncias, torna-se conservadora e devo ressaltar que é uma religião bastante frequentada a nível mundial, tornando-se não apenas crença, mas tradição. Neste sentido, há uma tradição moral instituída por grandes homens, filósofos a serem seguidos pela população. Além disso, a prática destas tradições reflete a sociedade caracterizada na obra de Schlee.

O sexo feminino é tratado com inferioridade, e é possível ter a dimensão nas atividades minuciosas como, por exemplo, a prática da realização de homilias, consagração eucarística, são alguns hábitos que distinguem o homem da mulher, isto dentro das congregações de vocações. Além disso, no antigo testamento da Bíblia há a representação de Adão e Eva, ela considerada a incentivadora do pecado de Adão, transpondo toda sua culpa em Eva. Dessa forma, faço uma comparação no cenário da prostituição e de como a religião católica entende esta situação. A mulher é a incentivadora do pecado, é por ela que o homem acaba sendo seduzido e cometendo o pecado. Como a prática e a crença religiosa relacionam-se com o conto *Dia 29 de fevereiro*? A religiosidade presente na narrativa é ironizada no momento em que a tia de Maria José a vende, reforçando sua condição de objeto coisificado. Neste ato, há uma contradição entre o que a sociedade crê e o que efetivamente é feito por seus membros.

Este conto apresenta um leque de possibilidades de interpretações, questões e informações relacionadas à sociedade da fronteira. Ao final da narrativa, completada a maioridade da protagonista, um homem interessado na jovem vai até sua casa para buscar o objeto comprado e concretizar a negociação feita com sua tia. No entanto, Maria José predestinada e nascida com o dom para “ser puta”, se recusa a acompanhá-lo: “Que seio isso nem seio aquilo que eu não estou à venda por tua conta, velha cafetina. Eu não preciso nem quero que me arranjem homem. Eu agora escolho meus homens (e Maria José baixou a vidraça).” (SCHLEE, 2014, p. 125).

Se, por um lado, Maria José possui o livre arbítrio de escolher “ser puta” e decidir quem serão os seus homens, com dona Rachel Liberman a trajetória na prostituição é bem diferente. A jovem de uns 20 e poucos anos acaba se refugiando na fronteira do Brasil com

Uruguai juntamente com seu esposo. O desenrolar da sua história a colocará na trama do tráfico internacional de mulheres através das grandes sociedades comandadas pelos homens. Ao se ver sozinha, a mulher é inicialmente e aparentemente amparada, para logo ser enganada por uma das grandes organizações criminosas. Schlee apresenta algumas informações que são sustentadas historicamente, o que parece dar maior consistência ao seu jogo ficcional.

Ela, como viúva judia e desamparada que era, terá sido enganada e logo constrangida, humilhada, atormentada, molestada, afrontada até que admitisse casar, diante de um rabino de verdade, com um marido de mentira de nome Salomón, um proxeneta mais conhecido no meio prostibulário como El Bolchevique, que a violentaria e a exploraria sob ameaça de morte durante quatro anos [...]. (SCHLEE, 2014, p. 59)

No desenrolar da trajetória da jovem Rachel, fica evidente que a ponte na fronteira entre Rio Branco e Jaguarão favorece o tráfico de mulheres e o trabalho dos cafetões. A prostituição é vista como um sistema econômico lucrativo assim como Hirata (2009) cita:

Longe de se limitar à pessoa que troca serviços sexuais por remuneração, a prostituição é, antes de tudo, uma organização lucrativa, nacional e internacional de exploração sexual do outro. Há muitos agentes envolvidos no sistema da prostituição: clientes, cáftens, Estados, o conjunto de homens e mulheres, pois essa instituição está fortemente enraizada tanto nas estruturas econômicas como na mentalidade coletiva. (HIRATA *et al.*, 2009, p.198)

Hirata (2009) vê, na prostituição, a prática sexual como produto em que agentes, geralmente homens que desempenham o papel de cafetões, lucram com o corpo da mulher. Após a obrigação da prática sexual, Rachel Liberman resolve fazer uma denúncia contra as organizações internacionais, em ato de coragem e liberdade que contribuiu para o desmascaramento de muitos cáftens.

Já para a personagem Maria José, o ato de coragem e liberdade foi escolher ser prostituta. Vemos, então, que Rachel e Maria José agem, em determinado momento de sua trajetória, com liberdade, ainda que escolham caminhos totalmente opostos. Dessa forma, os contos revelam que a mulher, mesmo em uma condição de marginalização, exerce os direitos de escolha sobre o seu corpo, sua vontade e sua sexualidade, o que deve ser respeitado.

2.2 R.S e Viva eu, viva ela...

Se por um lado a iniciação na vida sexual da prostituição de Dona Rachel e Maria José foram, seja por escolha ou já na vida adulta, as nossas personagens estudadas nesta seção, retratam crianças neste universo.

Neste tópico, serão analisados os contos *R.S* e *Viva eu, viva ela...*, as histórias de Sara e da louca Ignez, narrativas contadas desde a infância até a vida adulta.

Em *R.S* a iniciação da vida sexual acontece precocemente dentro do ambiente familiar, sua mãe está inserida neste ambiente consequentemente a pequena Sara também. No caso de Sara, a introdução é o próprio padrasto que induz a menina a seguir a profissão da mãe no universo prostibulário.

Ela tinha onze anos; começava a botar um corpo espichado de menina, uns peitinhos-que os amigos da mãe vinham tocar, ainda com as mãos úmidas das taças de champagne com que brindavam por sabe lá que razões, entre outros homens e as mesmas mulheres que se reuniam todas as noites com eles e com a mãe, sob as ordens do padrasto. (SCHLEE, 2014, p. 43)

Além da personagem Sara, outra menina, Ignez, é assediada sexualmente por sua vizinha:

[...] veio lhe a vizinha, para ajudar na cura-mas ficava a passar-lhe a mão pelos bicos dos tetinhos, a mostrar-lhe que eles eriçavam num arrepio gostoso e a dizer-lhe que ali no meio das pernas ela tinha uma mina de ouro que era para servir de depósito da alta de mulher que tinham os homens casados [...]. (SCHLEE, 2014, p. 65).

É evidente que as narrativas relacionadas ao abuso de menores chocam e inquietam, contudo, é muito interessante que o texto literário aborde estes assuntos que ainda são tratados como tabu na sociedade. Como citado no tópico anterior alguns autores acabam romantizando o tema, quando na verdade é uma pauta séria que afeta a sociedade, e que afeta diversas crianças.

Nas narrativas não são visíveis as políticas que defendem crianças e/ou as pessoas marginalizadas, mas é notório a facilidade da iniciação de crianças, jovens no comércio da prostituição, através de membros da própria família ou sujeitos próximos a elas. Além disso, o conjunto de contos apresenta a vulnerabilidade e a desenvoltura da prostituição neste espaço ficcional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contos da Vida Difícil apresenta as problemáticas sobre o tema da prostituição em uma sociedade fronteiriça ficcional. A narrativa está presente em um contexto de fronteira, lugar este em que existem muitas particularidades de identidade própria identificados na pesquisa. Meu estudo era justamente apresentar algumas das variadas dificuldades retratadas na obra e provocar reflexões sobre as contradições tanto por parte da sociedade como das práticas religiosas representadas por alguns personagens como pela tia de Maria José. Ademais, a pesquisa evidencia as vontades das personagens e o importante papel do narrador que mesmo não narrando sua vida apresenta as histórias de personagens imigrantes e moradoras locais.

Ressalto a importância dos contos das narrativas de mulheres que mesmo sem dar voz a elas para que se retratem, existe um narrador interessado em contar suas histórias e, portanto, deixa este espaço para que seja dito e digno o relato de acontecimentos das personagens com vidas difíceis. Contudo nesta pesquisa e obra não existe espaço para julgamentos e perversidade sobre a escolha ou circunstâncias das suas ações. Os contos abordam expectativas, vidas de prostitutas, porém por entre linhas desta trama ficcional, Schlee apresenta problemáticas de uma sociedade hipócrita. Dessa maneira, o Estado se corrompe, a sociedade fecha os olhos, finge não ver, não saber. Trata-se de uma narrativa ficcional, todavia há um entrelaçamento da realidade da antiga e contemporânea sociedade.

A cidade inteira sabia dessas mulheres e do cabaré. Mas era assunto proibido perguntar-se quem ia ao cabaré e quem se metia com as mulheres do cabaré. De modo que, não se sabendo quem ia ao cabaré ou quem se metia com as mulheres do cabaré, a ninguém ocorria perguntar-se onde ficavam, onde pernoitavam, onde pousavam e repousavam as mulheres que passavam por Jaguarão rumo ao Norte. (SCHLEE, 2014, p. 19).

A história parte da ficção, mas os elementos presentes que partem de fatos reais deixam o leitor instigado a saber até onde Schlee representa este contexto fronteiriço.

Este trabalho revelou também a importância sobre o tema do nosso espaço, ambiente em que a criminalidade é evidente, lugar em que o acesso fácil ao país vizinho é pertinente e também pautas onde estes assuntos devem ser evidenciados.

Ressalto ainda, que existe pouca fortuna crítica para este assunto, nesse sentido a pesquisa instigou-me para buscar compreender as diversas problemáticas sobre a prostituição nestes ambientes de fronteiras, nesta pesquisa: Jaguarão e Rio Branco.

Cabe destacar também que para o início deste projeto a idealização era apresentar autores gaúchos, mais ainda, escritores do nosso espaço fronteiriço dentro do ambiente escolar, visto que, na sua grande maioria há a inexistência do conhecimento destes autores nas escolas básicas por parte dos discentes. No entanto, a pesquisa tomou outro rumo, mas ainda assim, acredito na importância e relevância de autores locais nas escolas, pois além de representar nosso contexto fronteiriço, há temas relevantes situados da nossa realidade social.

Para finalizar, dedico este trabalho a todas as mulheres contrabandeadas e vítimas de organizações internacionais de tráfico. Saúdo a todas as mulheres, encorajadas de liberdade, prostitutas que escolhem estar neste universo. E concluo que não devemos ter ações como a sociedade ficcional de Schlee, é preciso debater e fomentar as políticas públicas para o fim do tráfico e vulnerabilidade a estas mulheres.

REFERÊNCIAS

ANDREAZA, R; LANGIE, C. **A linha imaginária**. Moviola filmes, 2014.

BRASIL, Código Penal. **Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890**. Promulga o Código Penal dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%20847%2C%20DE%2011%20DE%20OUTUBRO%20DE%201890.&text=Promulga%20o%20Codigo%20Penal.&text=Art.,que%20n%C3%A3o%20estejam%20previamente%20estabelecidas. Acesso em: 10 jan. 2022.

Cidades e Estados; Jaguarão. In: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/jaguarao.html>. Acesso em: 17 jan. 2022

DA CUNHA, Lucia Alves. **Prostituição e Religião. A trajetória religiosa de mulheres que praticam a prostituição na região de Santo Amaro - São Paulo**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/1922>. Acesso em: 25 jan. 2022.

Estação Férrea. In: Hotel e Pousada Artisan. Disponível em: <http://www.hotelpousadaartisan.com/estaccedilatildeo-feacuterrea.html>. Acesso em: 17 jan. 2022.

FERRÃO, Ana Carolina Schmidt. **Nuances Da Representação Da Prostituição Feminina: O Êxtase Do Estereótipo Em "Contos Da Vida Difícil", De Aldyr Schlee**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress. Anais Eletrônicos, Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499421073_ARQUIVO_artigoFazendoGenero2017.pdf. Acesso em: 25 jan. 2022.

FRONTEIRA. In: DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/fronreira/>. Acesso em: 25 jan. 2022.

GOULART, Cátia. **Imaginários do Sul: pensamento crítico de fronteira e os avessos da Modernidade da ficção de Aldyr Garcia Schlee**. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/6683/2/TES_CATIA_ROSANA_DIAS_GOULART_COMPLETO.pdf. Acesso em: 10 jan. 2022.

HIRATA, Helena *et al.* (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

Localização entre Jaguarão Rio Branco; Porto Alegre a Jaguarão; Rio Branco a Montevidéu. In: GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps/search/google/@-25.8578984,-54.1581507,6z/data=!3m1!4b>. Acesso em: 17 jan. 2022.

O que é o MERCOSUL?. In: MERCOSUL: Em poucas palavras. Disponível em: <https://www.mercosur.int/pt-br/quem-somos/em-poucas-palavras/>. Acesso em: 17 jan. 2022.

Rio Branco. In: DB CITY.COM. Disponível em: <https://pt.db-city.com/Uruguai--Cerro-Largo--R%C3%ADo-Branco>. Acesso em: 17 jan. 2022.

SCHLEE, Aldyr Garcia. **Contos da Vida Difícil.** Porto Alegre: Ardotempo, 2014.

SEVERO, Fabián. **Noite nu norte.** Montevideo: Del Rincón, 2010.